

Guerrilha do Araguaia no filme *Araguaia: Comunicação, Luta e Resistência a Margem da História*¹

Dagmar TALGA²
Jaqueline TALGA³
Murilo SOUZA⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Este artigo resulta de uma reflexão a partir do filme *Araguaia* sobre a Guerrilha do Araguaia, que trata de uma das longas lutas populares do Brasil, que foi um movimento rural armado cujo combate mobilizou o maior número de tropas brasileiras desde a Segunda Guerra Mundial, numa batalha desigual entre 1966 a 1975 no sul do Pará, entre combatentes revolucionários do PC do B e camponeses contra as forças de repressão do regime civil militar impostos desde 1964. É um estudo que visa refletir nas contribuições da comunicação audiovisual independente com a memória e a história da luta e resistência dos povos que permanecem diretamente expostos neste conflito. Metodologicamente, nossa reflexão partiu de entrevistas dos camponeses e camponesas do Araguaia, de autores referenciais decorrentes da educação, ciências sociais e comunicação e do filme *Araguaia*.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia; *Araguaia*; Cidadania; Comunicação; Resistência.

Guerrilha do Araguaia e o filme *Araguaia*

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento guerrilheiro na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre os anos 1966 e 1975. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e tinha como objetivo principal fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no campo rural, baseada nas experiências da Revolução Cubana de Fidel Castro e Che Guevara, e da Revolução Chinesa de Mao Tsé-Tung.

Combatida pelas Forças Armadas a partir de 1972, quando vários de seus integrantes, a maioria deles estudantes universitários já haviam se estabelecido na região há

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania– XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM - UFG). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – FIC/UFG e do Núcleo de pesquisa em Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ/UEG. Documentarista e Roteirista Essá Filmes. E-mail: ddtalga@hotmail.com.

³ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Araraquara-SP. Professora da Universidade Federal de Goiás – Campus Goiás/GO. E-mail: jtalga@yahoo.com.br

⁴ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Professor e Pesquisador dos cursos de graduação e de pós-graduação em Geografia (Graduação, Mestrado e Doutorado) da UEG. Coordenador do Núcleo de pesquisa em Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ/UEG. Produtor e Pesquisador Essá Filmes. E-mail: murilosouza@hotmail.com

pelo menos seis anos, como por exemplo, Osvaldo Orlando da Costa ou “Osvaldão”, João Carlos Haas Sobrinho ou “Dr. Juca” como era conhecido, o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), José Genoíno, conhecido também como Geraldo, e muitos outros que, combateram os militares onde os estados de Goiás, Pará e Maranhão faziam divisa.

O nome Guerrilha do Araguaia vem do fato de se localizar as margens do rio Araguaia, próximo às cidades de São Geraldo do Araguaia e Marabá no Pará e de Xambioá, no norte de Goiás (região onde atualmente é o norte do estado de Tocantins, também denominada hoje também como Bico do Papagaio).

O movimento que pretendia derrubar o governo civil militar, fomentando um levante da população da região, primeiro rural e depois urbano, e instalar a partir disso um governo socialista no Brasil, tendo como exemplo o que já havia sido feito em Cuba e na China, trazia no eixo da luta, a liberdade e a democracia, e era composto por cerca de oitenta guerrilheiros sendo que, destes, menos de vinte sobreviveram.

A grande maioria dos combatentes, formada principalmente por ex-estudantes universitários e profissionais liberais, foi morta em combate na selva ou executada barbaramente após sua prisão pelos militares, durante as operações finais, em 1973 e 1974. E mais de cinquenta deles são considerados ainda hoje como desaparecidos políticos, e seus corpos nunca foram encontrados. Como também os corpos dos camponeses, camponesas e indígenas que foram assassinados também pelas forças armadas.

No final de 1974, a Guerrilha praticamente já tinha sido derrotada pelas forças oficiais. Mas uma parte das tropas permaneceu na região, assim como vários elementos da comunidade de informação. A tarefa final consistia em “limpar a área”, para que não houvesse quaisquer resquícios da luta ali travada. Os guerrilheiros inumados em Bacaba, na cabeceira da pista de pouso de base militar em Xambioá, no DNER e INCRA em Marabá, e em alguns locais acessíveis nas proximidades da mata, possivelmente, foram desenterrados e seus restos mortais levados para a Serra das Andorinhas – esta atividade foi denominada de “Operação Limpeza” pelo coronel Pedro Cabral e está presente em vários depoimentos. (CAMPOS FILHO, 2012, p. 201)

Segundo Campos Filho (2012) o exército havia feito a maior mobilização de tropas da sua história desde a segunda Guerra Mundial, mais de cinco mil homens, onde usavam um efetivo humano na proporção de 50 para 1. Ele afirma ainda que de acordo com o general Emílio Garrastazu Médici que estava determinado a extingui-la, a Guerrilha do Araguaia deveria ser eliminada a qualquer custo.

O comando da operação ficou a cargo do Major Sebastião de Moura Curió, que, ao final da Guerrilha, permaneceu na área controlando uma equipe de informantes para coibir qualquer tentativa de manifestação de simpatia aos guerrilheiros, proibindo até as celebrações de missa, sob pretexto de que alguns padres eram subversivos. Sobre a existência de prisioneiros, não há dúvidas: vários deles foram presos com vida. Beto, Valdir, Antônio, Nunes, João Araguaia, Chica, Fogoió, Landim, Rosinha, Cristina, Pedro Carretel, Dina, Mariadina...e outros, que não puderam ser identificados, foram citados em vários depoimentos. Quanto a forma como foram executados, além do falso chafurdo – na expressão militar, combate -, em que os prisioneiros viajavam, alguns deles podem ter sido eliminados após serem torturados no Pelotão de Investigação Criminal (PIC), em Brasília, para onde eram levados. [...] Já foram citados neste trabalho as degolas e as mutilações de cortes de mãos, efetuadas em diversos corpos de guerrilheiros, cujo transporte para identificação era difícil, por serem mortos dentro da mata fechada. “Muitas vezes eles mutilavam os corpos, tiravam as mãos, às vezes a cabeça, depois da pessoa morta, para fazer a identificação”. Dona Dominga contou horrorizada que quem procurar corpos em Xambioá não irá encontrá-los: “O que pode ter é cabeças”, pois os corpos eles deixaram dentro da mata (DD). Ela afirma ter visto um saco com cabeças e mãos. (CAMPOS FILHO, 2012, p. 189 - 190)

Desconhecida do restante do país na época e protegida por uma margem de silêncio e censurada por parte das Forças Armadas, do governo instalado na ditadura e pela mídia, os detalhes sobre a guerrilha só começaram a aparecer cerca de vinte anos após sua extinção, já no período de redemocratização nos anos de 1980. Assunto tabu mesmo entre os militares, os fatos foram envoltos na escuridão por muitos anos e mesmo hoje, quando vários livros foram escritos sobre o episódio, inclusive por militares, a versão oficial do conflito pelas Forças Armadas é desconhecida. Alguns livros, filmes e reportagens tiveram acesso a documentos oficiais descobertos, mas as Forças Armadas nunca se pronunciaram oficialmente sobre eles.

Nos anos posteriores a Guerrilha, mesmo ainda durante a ditadura militar, parentes e organizações de direitos humanos começaram a busca pelos desaparecidos, familiares dos mortos percorriam a região do Araguaia em busca de informações e pressionavam os governos e a Justiça por informações sobre os guerrilheiros desaparecidos e a localização de seus restos.

Mesmo com a criação da Comissão Nacional da Verdade e a Comissão da Anistia pelo Ministério da Justiça a partir de 2003, não se resolveu as questões dos desaparecidos, das indenizações, como por exemplo, os camponeses e camponesas do Araguaia que se somam segundo a Associação dos Torturados do Araguaia, mais de 700 vítimas que esperam pela anistia.

Em 2014, o coronel Paulo Malhães, um dos principais militares envolvidos na repressão aos subversivos da época e integrante do Centro de Informações do Exército (CIE), veio a público, em depoimento à Comissão Nacional da Verdade⁵, esclarecer alguns dos métodos usados pelos militares contra os mortos do Araguaia. Segundo ele na segunda metade da década de 1970, Malhães chefiou uma missão de limpeza na área encarregada de dar fim aos corpos dos guerrilheiros e camponeses abatidos. Eles foram desenterrados, tiveram os dedos das mãos e as arcadas dentárias arrancadas para impedir a identificação, e jogados nos rios da região em sacos plásticos cheios de pedras depois de terem as barrigas abertas para evitar que inchassem e flutuassem. Malhães afirmou também que o método usado no Araguaia para sumir com os corpos foi igual ao usado contra os mortos da guerrilha em áreas urbanas feito pelas Forças Armadas no Brasil.

São muitos os fatos que sucumbem os horrores praticados a Guerrilha do Araguaia e que permanecem obscuros na história ainda atual no Brasil, e que provocam e condena o país em cortes interamericanos como, por exemplo, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA) que cuida da análise as práticas dos direitos humanos nos países pertencentes à organização, e que abriu uma ação contra o governo brasileiro por detenção arbitrária, tortura e desaparecimento de 70 pessoas - entre guerrilheiros, moradores da região e camponeses ligados à Guerrilha no norte do país.

Como às informações da grande imprensa que raramente questionam e trazem a tona certos assuntos como esse sobre a Guerrilha do Araguaia, o próprio poder da comunicação contribui para a modificação dos significados refletidos na sociedade no sentido da realidade factual do conflito, como já expos Bordenave (1982) neste sentido no seu livro *O que é Comunicação*:

É próprio da comunicação contribuir para a modificação que as pessoas atribuem as coisas, e através da modificação dos significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação. (BORDENAVE, 1982, p. 92)

E como a história acontecida não é informada, ou é informada transformada, esse poder da informação transforma a recepção das pessoas e consequentemente a vida em relação aos significados das coisas, das histórias, da vida do cotidiano.

⁵ Depoimento do ex-coronel Paulo Malhães a Comissão Nacional da Verdade em 2014. Disponível em: Acessado em 10 de julho de 2016.

Por isso necessitamos de outras vozes e outros seguimentos alternativos de informação comunicacional midiático.

A diversidade pressupõe revitalizar manifestações do contraditório e confrontar pontos de vista, recusando o pensamento único e suas inverdades em letras de forma. Trata-se de liberar o que os discursos hegemônicos desejam silenciar ou neutralizar: a emergência de outras vozes e outras formas de perceber, traduzir e exprimir a variedade de mundos que o mundo contém. [...] movimentos, associações e coletivos utilizam cada vez mais seus canais de comunicação para exprimir pontos de vista, exercer a crítica, potencializar a criatividade, promover intercâmbios e interações, reclamar direitos sociais e defender as prerrogativas da cidadania. (MORAES, 2011, p. 17 e 19)

Frente às esses grandes obstáculos da informação e ao não esclarecimento da verdade sobre os fatos pelos órgãos do estado brasileiro, muitos processos comunicacionais alternativos surgem como respostas a tantas perguntas não feitas pela falta de total desconhecimento sobre a história de luta do povo pela liberdade e por direitos sociais.

O documentário *Araguaia*⁶ é uma produção do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (Gwatá), do Campus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás - UEG, no município de Goiás, em parceria com a Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil, e a produtora Audiovisual Essá Filmes.

O documentário resgata a memória desses guerrilheiros e seus familiares, dos camponeses e camponesas, lembrando a violência do regime ditatorial contra os movimentos sociais pelo direito a terra e pela liberdade no interior do País. Além dos depoimentos dos personagens, o período é contextualizado por pesquisadores, historiadores e geógrafos que estudam o tema.

O filme *Araguaia*, teve lançamento oficial em agosto, na edição 2015 do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica). O filme retrata em 40 minutos alguns fatos que anteriormente nunca foram mencionados em questão: a extrema violência sexual contra a mulheres e meninas da região e que geram ao longo da historia a percepção de que, as torturas e mortes realizadas pelas Forças Armadas na época da ditadura civil militar na Guerrilha do Araguaia estão muito mais além do pouco ainda revelado pelo grande medo enfrentado pelos moradores até os dias atuais.

⁶ O filme *Araguaia*, surgiu a partir da construção de ideias formuladas em 2010 e o sonho de duas freiras Dominicanas da região do Araguaia, Mada e Bia, que no passado sofreram junto do povo do Araguaia as magelas da Guerrilha do Araguaia. Foi produzido de 2013 á 2015 em parceria com a Comissão dominicana de Justiça e Paz do Brasil, o Núcleo de Pesquisa em Agroecologia e educação do Campo – GWATÁ/UEG e o Essá Filmes, sendo dirigido e roteirizado por Dagmar Talga.

Portanto, essas expressões alternativas de informações através do audiovisual como o filme *Araguaia* trazem modificações e impactos na vida das pessoas que de alguma forma foram atingidas pela Guerrilha do Araguaia?

Esses meios alternativos modificam pedagogicamente os significados das mensagens recebidas cotidianamente pelos meios tradicionais de comunicação? E contribuem de alguma forma com a memória e a história da luta e resistência dos povos que permanecem diretamente expostos neste conflito?

São questionamentos que façam nosso pensamento crítico da nossa própria história, e que no processo historicamente situado a margem dessa história real acontecida, nos deparemos com reflexões profundas que permanecem nítidas e precisas de se perguntar e refletir, questionar e debater sobre o que estamos recebendo nas mais variadas e eloquentes tecnologias de informação, dos mais típicos e tradicionais veículos, se isso se impera? Se isso se dissolve na mente e sobre a mente? E se as manipulações diárias permanecem impregnadas no senso crítico do ser humano.

Para refletirmos e debatermos esses questionamentos, metodologicamente trabalhamos com entrevistas de camponeses e camponesas da região da Guerrilha do Araguaia, de autores referenciais decorrentes da educação, ciências sociais e comunicação, e do filme *Araguaia*.

Reflexões a partir do filme *Araguaia*

Os processos audiovisuais procuram estabelecer a probabilidade da expressão e da criação por meios cinematográficos. Os meios audiovisuais deixam de ser apenas uma ferramenta didática e tecnológica para uma interação continuada que permite mais do que olhar imagens e levantar voo na imaginação, mas interpretá-las visando à criação de novas mensagens e informações. É primeiramente por meio das imagens e sons que se fundamenta a sociedade global atual. A linguagem audiovisual torna possível a veiculação de uma enorme variável de informações, no qual sua veiculação depende dos canais independentes ou acessíveis aos conteúdos produzidos. No mundo globalizado do capital, esse acesso torna-se cada vez mais inacessível, pois o capital se une as grandes corporações de produção de conteúdos como de distribuição.

[...] capitalismo financeiro e comunicação constituem hoje, no mundo globalizado, um par indissolúvel. O capitalismo contemporâneo é ao mesmo tempo financeiro e midiático: financeirização e mídia são as duas

faces de uma moeda chamada sociedade avançada, essa mesma a que se vem apondo o prefixo “pós” (pós-industrialismo, pós-modernidade etc.) (SODRÉ, 2014,p.55)

Dênis de Moraes expressamente afirma que: “Significa concentrar nas mesmas mãos todas as etapas dos processos tecnoprodutivos, com vistas a garantir supremacia na cadeia de fabricação, processamento, comercialização e distribuição dos produtos”. (MORAES, 2011, p.36).

Dentro desse processo concentrado midiático, o grande desafio além de espaço de distribuição, e de produção, é o de integrar consciente e criticamente toda a comunidade no mundo da sociedade globalizada. Torna-se indispensável à constituição de novas metodologias que permitam a introdução de novas informações, mas caracterizadas pela luta da verdade. E a linguagem audiovisual, pode construir esse espaço de troca e de saberes.

O filme *Araguaia* desperta essa ambição de criticidade e ao mesmo tempo expressão de realidade. A luta pela cidadania e por direitos sociais listrados no filme retrata de alguma forma uma independência de informação. Uma informação expressamente ao lado do povo, e para o povo. E essa comunicação terá que ser de mão dupla, não somente para garantir a possibilidade da livre expressão, mas também proporcionar o próprio processo de construção do diálogo humano sobre a memória do povo. A atração dessa linguagem audiovisual que o filme proporciona é constante, proporcionando ao público uma enxurrada de informações, que mesmo sem procedimento pedagógico, transforma-se em formação através da comunicação.

O filme *Araguaia* torna-se uma informação introduzida com recursos audiovisuais que expressam uma abertura mínima que seja sobre o medo que permanece na região, onde ao longo desses 40 anos após a luta desleal das Forças Armadas contra os guerrilheiros, guerrilheiras, camponeses, camponesas e indígenas, são sujeitados até hoje. Um medo acobertado pelo estado, pelo comando das três armas, pelo judiciário e pela grande imprensa, rodeado de mistérios e ameaças que circulam por esses sujeitos escondidos e silenciados na historia.

Quando se constrói uma comunicação entre os sujeitos vistos como a não memória, a não identidade regional e nacional brasileira com o audiovisual independente e mais

democratizado, se qualifica o discurso do oprimido gerando uma força massiva e coletiva de luta e resistência, formando uma espécie de informantes críticos da história, que mesmo sem espaço concretiza forças, delimita território e buscam a pluralidade de direitos sociais legítimos para uma soberania cidadã e participativa.

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. Esta superação não pode dar-se, porém, em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado”, (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora. (FREIRE, 1978, p.36)

O conhecimento do consumo midiático é um instrumento importante para a formação libertadora do indivíduo, e a educação não é só para o entendimento dos conteúdos escolares, mas para a avaliação, interpretação e reflexão do modo como se vive em sociedade. A era da informação é também a era da educação unificada e questionadora.

A resistência quando a violência não pede licença: relatos dos camponeses e camponesas do Araguaia nos lançamentos do filme *Araguaia* na região do Bico do Papagaio

“Ninguém, nunca mais foi o mesmo” (Dona Alcides, camponesa em São Geraldo - PA).

Retornar inteiro para avançar é o grande desafio que se coloca na reconstituição da memória dos sujeitos que lutaram e continuam vivos nas lembranças e nos corações.

Retornar o filme *Araguaia* para as comunidades envolvidas na Guerrilha mostrou que todo o processo de construção do filme, desde a rede de contatos que levaram o grupo que realizou as entrevistas, até a organização da jornada de lançamentos só foi possível graças à ação dos segmentos combativos da igreja católica, no caso, a Comissão Dominicana de Justiça e Paz no Brasil.

A cada lançamento uma sensação de aprofundar-se e compreender melhor a alma dos que ali estiveram e da vida daqueles que ali permanecem. Os heroicos homens e mulheres da mata que já foram, não foram completamente, mas seus corpos, suas histórias ainda não foram encontradas e desvendadas totalmente. Os heroicos homens e mulheres que foram torturados no corpo e na mente tiveram suas almas abaladas. Abaladas também se encontram as gerações que nasceram após esse terrível contexto histórico.

A energia que emana da região envolvida na Guerrilha simultaneamente respira esperança, amor, solidariedade, força, sede de justiça e mudança e inspira revolta, sangue, fome, tortura, terror, angustia e a mais profunda dor. Sensações que se misturaram em complexas narrativas ainda incompletas e sem informações.

Foram ouvidos mais de 30 relatos de camponeses e camponesas que viveram junto dos guerrilheiros e guerrilheiras, antes da chegada do exercito na região. Mesmo que em alguns relatos ainda tenham dúvidas sobre quem eram os homens e mulheres da mata, sobre o que eles faziam e queriam ali, uma coisa é certa, ninguém tem dúvida de quem era do bem e quem era do mal. Uma linha divisória separa as condutas e as atitudes dos guerrilheiros a dos militares.

Quanto mais próximo da área da Guerrilha, mais tenso é o clima que paira nas comunidades. O próprio retorno e participação do público a cantoria, que ocorreu antes da apresentação do filme, foi nitidamente menor do que em outras localidades. A maioria dos camponeses e camponesas que sofreram as violências cometidas pelos militares, seus filhos e demais descendentes continuam na região. Muitos não querem falar, temem. É mais que medo, é a certeza de que podem desaparecer caso contém tudo que viram e sabem. Outros sujeitos contam partes do que vivenciaram, por temor, como também pela dificuldade de suportar o retorno da memória que não quer retomar dores tão profundas.

Os compartilhamentos durante esse percurso nos colocam alguns desafios que se explicitaram: a necessidade de junto das comunidades partilhar a história, a história a ser contada pelos oprimidos da terra. Essa demanda se apresentou em três principais momentos. O primeiro deles apareceu por parte daqueles que não sofreram e querem negar a história, não querem admitir consequências das atrocidades na vida dos envolvidos e na própria constituição das relações sociais mais amplas, alegando a construção de uma narrativa fantasiosa e catastrófica. A necessidade de serem realizadas reconstituições coletivas e partilhadas da história da Guerrilha. Devido ao terror direcionado no passado e ainda no presente, muitos não falam tudo, muito temem falar tudo que sofreram e viram nos anos de

intensa investida do exército na região. A “conspiração do silêncio” é tão forte que um vizinho não sabe que o outro também fora torturado. Numa determinada entrevista a pergunta após as filmagens foi a seguinte: por onde anda uma das guerrilheiras, se ela virá na cidade para ver o filme. E o entrevistado seguinte relata como essa mesma guerrilheira foi pega e assassinada.

Os relatos que ficaram na memória do povo reflete o submundo sombrio do passado brasileiro. Chegaram prendendo moradores, lavradores e pequenos comerciantes foram levados para prisões em Xambioá e Marabá. Alguns colocados em buracos abertos em clareiras com grade em cima, outros torturados até a morte, num total de mais de 2500 pessoas foram humilhadas, sofreram torturas e muita opressão.

O camponês na foto 01, Raimundo Gomes Sousa⁷, de 86 anos que foi torturado na Guerrilha do Araguaia nos revela os escombros vividos na ditadura no campo.



Foto 1: Camponês do Araguaia Raimundo Gomes Sousa - São Geraldo/ Pará – Maio 2016.
 Foto: Dagmar Olmo Talga. Acervo: GWATÀ/UEG.

Eu sô de 1930, dia 20 de abril, estou com 86 anos de idade. Eu resido em São Geraldo do Araguaia, resido nessa região desde o dia 12 de outubro de 1946, quando eu vim do Piauí, quando eu vim aqui pras Arara, onde é município de São João do Araguaia, vim cortar castanha e tirar borracha e trabalha de tropeiro. A mulher era novinha, estava com 15 dias de resguardo. Ele está na Resuliência. Da época que eles me prenderu e o sofrimento que eu passei e a minha esposa ficou no mato, que até hoje eu

⁷ Raimundo Gomes Sousa, camponês torturado na Guerrilha do Araguaia, em entrevista a autora no dia 17 de maio de 2016 em São Geraldo do Araguaia – Pará.

não esqueço disso nunca. Ela com dezessete para dezoito anos, mãe desse primeiro filho, ela ficou lá, com de resguardo. E eles me manteve prezo lá esse tempo todim e usando da minha família, viu. E quando eu cheguei ela falou pra mim. Disse, eu tô com muita, muita dó de te falar isso, eu tô com muita vergonha de te falar isso, mas eu só obrigada, aconteceu isso, isso, isso, isso, isso, isso, isso e isso comigo, se tu quisé vive comigo? Eu quero viver contigo, mas aconteceu isso! O que, que eu ia fazer? O que era que eu iá fazer? Agora eu pergunto vocês o que eu ia fazer? Nada! Né? Eu passei aquela dor, e até hoje. Ela já faleceu, mas ela sofreu de mais também. E, mais conseguimos mais uma família, mas com aquela magoa toda vida do que nós passamo. Te gente, igualmente eu, que tinha família também. Eles pegaro as mulher desses camponeis e marraru os marido das mulher, assim presente assim, e usaru as muié dos camponeses, eles vendo. E procura eles se tava bonitu, se tava bonitu aquilu ali. Eles fizeram isso aí. E fizeram coisas. Aquele povo fizeram tanta disordi na região que fazia medo se conta. E ninguém podia falar porque era força maior, se fizesse ia morre. Naquele tempo a lei era do mais forte. Como era que a gente podia reagir numa época daquela. Então era uma ditadura que nós não podia nem comenta. Até hoje tem gente que tem medo, tem gente aqui que eu conheço, que apanhou até incha, vomita sangue, colocando sangue pelas ventas, de tanto taca que levou e não dinúncia, de medo ainda de vorta aí essa ditadura de novo. É isso aí. [SIC] (Informação verbal, Raimundo Gomes Sousa, Pará. 2016).

Sobre os horrores nos dias que foi submetido a todo tipo de tortura e trabalho forçado pelas forças Armadas.

Já foram me pegando logo, e me amarrando. Me amarraram as mãos, os pé, e pegaram um saco de estopa e me ensacaram, amarraram na boca do saco e aí jogaram no avião. Eu não sei nem como é que eu vim naquele avião, uns disseram que eu vim pendurado, mas eu não sei do sufoco que eu tava, eu não sei a condição que eu tava. Eu só sei que quando eu bati no chão lá, quando eu bati no chão lá, bati com força no chão lá, bo. Eu não sei como foi, se foi do avião quando baixou pra mim solta lá, ou se foi que soltaram da porta do avião. Aí disseram, os zoio cheio de terra, daquela sarapieira. Aí disse, oi táí, o homem que nós trouxe, táí. Aí amarraram lá por o meio e no pé, e me colocaram debaixo dos pé que tinha lá. Aí meu irmão, aí foi aonde eu sofri. Eu passei, eu apanhei muito na cara, eu levei muito chute, muita pesada, apanhei de mais. Passei muita vergonha, eu sofri dum tanto que não desejo pra ninguém aquele sofrimento que eu passei. Até hoje eu sou intimidado por aquilo que eu passei. Eu apanhei tão tanto, que eu dei graças a Deus, que uma outra pessoa que me conhecia, ela já morreu, morreu o ano passado, Olimpo, era materno deles, aí ele era meu cumpadi, aí ele chegou disse, ele ia passando me enxergou lá amarrado lá num toco, lá num sol quente lá, num toco de coqueiro, eles cortavam os pé de coco, cerravam, aí fazia aqueles cepo assim, desse tamanho assim, que era os banco da gente senta era esses lá. Aí ele falou que que você está fazendo aí, você é cumpadi Raimundo. Aí ele chegou e disse, oia, esse homi que vocês estão com ele, vocês estão com o homi errado, vocês estão judiando da pessoa errada, esse homi não é o que vocês tá pensando. Esse homi é muito é direito, esse homi é assim, assim, assim, assim, assim, eu conheço, eu digo porque eu conheço. Você tem certeza do que você está

falando? Com certeza! Ele disse, não é o que vocês estão pensando, ele é muito é direito, i é uma pessoa que vocês precisa dele, se vocês der fim nele, acabou a caçada de vocês. Vocês tem que muito é que acata ele, porque ele é quem vai dar orientação pra vocês sai daqui é ele. Aí eles lá pegaru, me levaru lá pra base do doutro Júlio, chegou lá me passaru os remédio lá e aplicaru lá umas injeção. Eu tava quase morto, aí mandaru lá pra base onde tinha um outro doutor, chamava doutor Mironga, aí passaru lá pra outra base desse doutor Mironga, que ficava aqui no pau preto. Aí lá ele mando faze tratamento, mado aplica injeção, mando aplica soro, sangue. Ele fez muito tratamento lá ni mim, aí boto eu ir pro mato com eles. Aí eu ia na frente, mais amaradu, aquilo eu ia amaradu pela cintura e arrastando aquela corda amaradu, quando saiu no limpo eles botava para arrasta, quando era dentro do mato eles enrolava aquela corda na minha cintura. Di noite eles tirava aquela corda e amarava eu num pau, ou numa furquia lá eu deitava com aquela corda amarada na cintura pra eu num fugi di noite pra num conta pros outros policial. Nisso eu vi muita tortura feia, muita passagi feia. [SIC] (Informação verbal, Raimundo Gomes Sousa, Pará. 2016).

As mulheres passaram e ainda passam por momentos de muito terror, como pode ser observado na entrevista das irmãs⁸ Alaide Alves Alencar, de 67 anos e Ieda Alves de Samarquias, de 72. Foto 2.



Foto 2: Camponesas da Guerrilha do Araguaia: Alaide Alves Alencar e Ieda Alves de Samarquias. São Geraldo/ Pará – Maio 2016. Foto: Dagmar Olmo Talga. Acervo: GWATÁ/UEG

Terror. Muita arruça, muito medo de morrer. Muitos clamores nós ouvimos, muitos, muitos, sofrimento. Fome, viu. Necessidade de tudo, as crianças sofreram muito, passaram fome. Só isso, nós passamos muita fome e tivemos muitas desventuras, tivemos muitas perdas perto de nossas

⁸ Camponesas da Guerrilha do Araguaia: Alaide Alves Alencar e Ieda Alves de Samarquias em entrevista a autora no dia 17 de maio de 2016 em São Geraldo do Araguaia – Pará

coisas, nossos bens. Não podíamos trabalhar nem pra conservar o que tinha. Nós ficamos como objeto, joga pra qui, joga pra li, joga pra qui, joga pra li. Sai daqui, vai pra cula. Medo de morrer, eles chegavam faziam perguntas horríveis, e dizia a gente já acabou com muitos porque tão mentindo, e vocês abri o olho, que vocês também pode morre. Cadê os marido de vocês, a gente dizia, os marido tão andando lá com os de vocês, que eles carregaru né? E eles dizia, vocês tão aqui sozinhas, nós dizia, só. Vocês não tão com medo de morre também não, que se nós não discubri onde eles tá, vocês vão morre, vocês são da família de terrorista. Eu digo, não. Não conheço nem isso, não sabia disso, né? Tem muita gente que tem medo, pra vir dar essa entrevista pra vocês. Houve uma pessoa lá na última reunião que teve em São Luiz da Lapa que nós ameaço, nós disse palavras horrorosas. A gente fez muito medo, que a gente não abrisse a boca pra muitas coisas. [SIC] (Informação verbal, Ieda Alves de Samarquias, Pará. 2016).

Essa reunião foi o ano passado. Porque ele falou foi pra mim e disse, um careca assim, ele disse não fale do exército. Não vá dizer que deu de come pro exército, que cozinho pro exército. Ele era um, que o exército estrupo, que o exército fez isso não. Vocês vão falar dos terroristas, que eles matava, que eles fazia e acontecia. Mais eu só vi assim, eu não conheci o pessoal da mata, esse pessoal da mata eu vi dois, foi a Dina e o Antônio, eles morava muito tempo aqui na beira do rio, um dia eu cheguei na casa do Antônio Cearense e eles estavam lá. Ela tinha ido aplica injeção no Antônio Cearense, que ele era dono de farmácia, aí eu esperei aquele povo sair, e ele me disse que que a senhora quer, aí eu disse, toma injeção, aí ele me disse, se a senhora tivesse falado a Dina é tão boa pra aplicar injeção, aí desse dia foi que ouvi falar na Dina. A Dina é boa de mais. Você tá gravando, ai eu tô com medo! Ai eu fiquei vendo ela nesse dia. [SIC] (Informação verbal, Alaide Alves Alencar, Pará. 2016).

Foi na terra nova, eles pegaru uma mulhe grávida, eu arranchei na casa dessa mulhe, que nós vinha vindo dentro da mata pra fora, eles pegaru a mulhe grávida, e ela disse que foi muito mais de quarenta que se apodero dela. E tava bem pertinho de mata ela, quando o marido dela foi atrás, ela tava caída no meio da estrada, ela não levanto. E eles falaru naquele dia, falaru o não ouve estupro, não ouve. Houve sim. [SIC] (Informação verbal, Ieda Alves de Samarquias, Pará. 2016).

As consequências dessa barbaridade de nossa historia estão marcadas na vida de muitos camponeses, camponesas, indígenas, guerrilheiros, guerrilheiras e seus familiares para sempre.

Algumas considerações

Na tradição das lutas populares levadas a cabo no território brasileiro, como a Cabanagem, Canudos, Contestado, Porecatu, Trombas e Formoso, entre várias outras, a

Guerrilha do Araguaia representa um capítulo importante para compreendermos a luta de classes e a correlação de forças na estruturação do Estado brasileiro. Assim como as anteriores foi encerrada com um massacre do povo pelo aparato bélico estatal. Neste caso, mais de cinco mil soldados para combater e exterminar não mais que duas centenas de guerrilheiros e camponeses.

A partir da análise do impacto do filme *Araguaia* e dos relatos de camponeses e camponesas que viveram, de alguma forma, a Guerrilha do Araguaia, buscamos refletir sobre a violência da tortura e a importância da mídia independente para revelar, ainda que tardiamente, as entrelinhas dos massacres realizados no país contra o povo de forma geral e, destacadamente contra os camponeses e camponesas.

Em primeiro lugar, com relação à tortura sofrida pelos camponeses e camponesas do Araguaia, cabe destacar que muito pouco veio de fato ao conhecimento geral do povo brasileiro. Nem a grande mídia comercial, nem as autoridades responsáveis, por diferentes motivos, conseguiu ouvir e registrar as histórias dos guerrilheiros e dos camponeses torturados durante a Guerrilha do Araguaia.

Durante entrevistas realizadas para construção deste texto houve, como já mencionado, relatos de estupros coletivos cometidos contra camponesas por soldados do exército, relatos de tortura contra trabalhadores camponeses com diferentes instrumentos (pau de arara, afogamento, etc.). Tudo isto para que contassem aquilo que, muitas vezes, não sabiam. Estes atos de tortura, física e psicológica, deixaram sequelas individuais e coletivas para a vida de centenas de famílias camponesas, para além das famílias dos guerrilheiros.

Além da tortura física e psicológica, que atingiu dezenas de camponeses e camponesas, direta ou indiretamente, milhares de agricultores perderam seu trabalho e/ou suas terras. Não veio, para muitos, nem a reparação financeira nem a reparação a partir de qualquer tipo de reforma agrária. Alguns foram anistiados, porém muitos nunca tiveram seu sofrimento amenizado por qualquer tipo de reparação.

Em segundo lugar, acreditamos que o filme *Araguaia*, revela, ao contrário das mídias tradicionais, uma história pouco conhecida e reconhecida. A história dos camponeses do Araguaia, tanto em sua relação com os guerrilheiros como no seu sofrimento individual e coletivo a partir da tortura e da expropriação da terra. Histórias como de Seu Beca (que morreu antes de ser anistiado), do Sr. Josias (que lutou ao lado dos guerrilheiros e só em 2016 foi anistiado) ou da Dona Diná (que nunca foi anistiada) são

emblemáticas para entendermos as formas de ação do Estado brasileiro com relação ao seu povo.

O filme revelou tais histórias e forneceu novos elementos para o entendimento geral deste capítulo, especialmente para as próprias pessoas envolvidas. Ao mesmo tempo, permitiu o conhecimento destas histórias pela população de forma geral, o que possibilita apoiar a luta popular para a reparação dos danos desta guerrilha e para que esses atos não ocorram novamente.

Portanto, o filme *Araguaia* traz, assim como os relatos dos camponeses e camponesas elementos para entendermos amplamente o que aconteceu em meados da década de 1970. A mídia independente e livre é de essencial relevância para que histórias “mal contadas” ou “contadas pela metade” sejam reveladas ou mostradas sob diferente perspectiva, instrumentalizando a defesa do povo e de sua luta. E, no mesmo sentido, para que casos como os da Guerrilha do Araguaia jamais voltem a ocorrer em nosso país, que a tomada dos territórios camponeses e a tortura não sejam vistos como alternativas para o “desenvolvimento” do território brasileiro.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 5º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia**: a esquerda em armas. Romualdo Pessoa Campos Filho. – São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

MORAES, DÊNIS de. **Vozes abertas da América Latina**: Estado, políticas e democratização da comunicação/Dênis de Moraes. – Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional/Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é comunicação**/Juan E. Díaz Bordenave – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção primeiros passos; 67).